



DOCES DE IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Taynnã Valentim Rodrigues¹
Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra²

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o desenvolvimento de um projeto pedagógico desenvolvido na ECIT. Francisco Ernesto do Rêgo, situada no município de Queimadas-PB, que teve como preocupação reflexões sobre o processo de construção da identidade brasileira, tomando como aporte teórico a discussão realizada por José Carlos Reis (2007) ao evidenciar que não existe uma homogeneidade quando falamos sobre identidade no Brasil. A partir do pensamento de Reis é possível entender a complexidade do conceito de identidade e sua relação com a formação do Brasil enquanto um país marcado pela diversidade, que nem sempre é compreendida e valorizada. Diante desta problemática, foi proposto um projeto na qual nossos estudantes pudessem conhecer um pouco sobre a formação do Brasil em sua perspectiva histórica, social e política, a fim de perceber as múltiplas identidades presentes nessa história. Durante o desenvolvimento das atividades, conhecemos doces associados à identidade étnica de alguns povos, e assim nasceu o projeto “Doce de identidade”. A discussão apresentado se mostra em conexão com documentos oficiais da educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais em seu tema transversal “*Pluralidade Cultural*”, e ainda com respaldo legal na Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 12.288/2010 que rege o Estatuto da Igualdade Racial. E por fim, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS 18, que também encontrasse articulado com as discussão do presente projeto, na perspectiva de promover uma educação antirracista.

Palavras-chave: Brasil; Educação antirracista; Identidade

¹ Mestra em História, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil. E-mail: taynnavalentim@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9645336252279230>

² Doutorando em Ciências, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Brasil. E-mail: avaete@estudante.ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7834-4362>



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do projeto intitulado “Doce de Identidade: reflexões sobre a construção da identidade brasileira”, desenvolvido pela professora Taynnã Valentim Rodrigues, durante o segundo semestre do ano de 2024 na Escola Cidadã Intergal Técnica Francisco Ernesto do Rêgo, situada no município de Queimadas- PB, pertencente a 15º Regional de Ensino do Estado da Paraíba.

O projeto partiu do dialogo com a proposta pedagógica da instituição, que durante o corrente ano de 2024, teve em seu Projeto Político Pedagógico - PPP e no Projeto de Intervenção Pedagógica – PIP a premissa da Educação Antirracista.

Compactuando com o pensamento de Angela Davis ao afirmar que “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista”, a escola encontrou em sua proposta pedagógica e política a preocupação de promover uma educação para valorização da diversidade, pois nessa ação consiste da fato a formação cidadã.

Objetivando dialogar e contribuir com a proposta pedagógica e de intervenção, o presente projeto, “Doces de identidade”, surgiu a partir da preocupação de pensar a construção da identidade brasileira como um caminho para conhecer e valorizar as raízes étnicas que contribuíram na formação da nossa história como brasileiros. O projeto contou com o respaldo legal da Lei nº 10.639/2003³, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996⁴, e por fim, o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010⁵.

É importante destacar que este projeto não consiste num sentimento ufanista,

³ A lei nº 10.639, de 09 de jan. de 2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dez. de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Sendo a LDB alterada novamente em 10 de março de 2008 para acrescentar ao corpo da lei a cultura indígena.

⁴ Com ênfase no artigo 3º em seu princípio XII, e no artigo 26-A (§1º e §2º).

⁵ A presente lei objetiva combater a discriminação e desigualdades raciais presente na sociedade brasileira, incluindo em sua pauta reflexões sobre as políticas públicas desenvolvidas pelo Estado para atuar na presente pauta.



uma vez que, sua fundamentação teórica se mostrou numa perspectiva *Decolonial*⁶, mediante o desejo de descortinar a história daqueles que foram marginalizados durante o processo de formação política e social do país. Este projeto apresentou em sua proposta ponderações sobre Direitos Humanos, equidade, cidadania, e ainda, seu ponto central, a importância de promover uma educação antirracista. Para tanto, a discussão tem início na complexidade que existe ao falar sobre identidade no Brasil.

As questões reflexivas apontadas, inerentes à discussão proposta, foram idealizadas a partir da ementa de uma disciplina Eletiva ministrada pela professora autora do projeto, Taynnã Valentim Rodrigues. A Eletiva “Cara Crachá”, desenvolvida durante o semestre de 2024.1, consistiu num espaço no qual o projeto “Doces de Identidade” foi gestado. Desde o início, o norte teórico e metodológico foi pensar o conceito de identidade, levando os estudantes a refletirem sobre o seu pertencimento étnico, e ainda contribuir com os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico e de Intervenção da escola.

As expectativas construídas se deram em torno de colaborar no que concerne à promoção de uma educação para a diversidade, e que possa atender as perspectivas presentes nas competências e habilidades para o século XXI, sendo as mesmas, necessárias para que os estudantes alcance êxito em sua formação e atuação cidadã.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O projeto “Doces de Identidade” esteve inserido no contexto de pensar estratégias que pudessem atuar na necessidade de promover uma educação antirracista. Para entender a importância desta educação é necessário refletir sobre o contexto de formação do país.

Reconhecido como terra da diversidade, o Brasil engloba elementos de diferentes culturas que tiveram seus fios entrelaçados por meio do intenso processo de

⁶ Os estudos *Decoloniais* consistem em práticas, conceitos e pesquisas que tem como objetivo diminuir, ou até mesmo, reverter os efeitos causados pelo impacto da colonização nas sociedades que vivenciaram o referente processo.



miscigenação. A mistura racial deu origem a um povo marcado pela diversidade, porém, com um aparente dificuldade no que se refere ao entendimento sobre seu pertencimento cultural e *identitário*.

Não foi por acaso, que ao longo da história surgiram reflexões teóricas que se propunha a entender ou até mesmo definir a identidade brasileira. Podemos citar as pesquisas realizadas por Edgard Roquete Pinto, Silvio Romero, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roberto DaMatta, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos. Entre tantos outros pensadores das mais diversas áreas do conhecimento que tiveram como objeto de estudo a identidade brasileira, inclusive na literatura, a partir da escrita de Jorge Amado e Ubaldo Ribeiro. Os nomes aqui citados, referem-se a correntes de pensamento sobre raça e identidade no Brasil⁷.

A problemática central do projeto partiu do desejo de refletir sobre a formação da identidade brasileira no sentido de entender que “Não há resposta única, sistemática, para esta questão. Esta história pode ser relatada de muitas formas. O Brasil é um país vasto, complexo, contraditório e extremamente dinâmico, o que impede que se possa ter uma representação consensual, homogênea, estável, de sua identidade nacional” (REIS, 2007, p.17).

José Carlos Reis em “As Identidade do Brasil” afirma ser difícil compreender as múltiplas identidades existentes no país pelo fato de que a maioria delas ainda não foram formulada ou afirmadas devido à grupos étnicos terem passado por um processo de *silenciamento* ao longo da história, o que permitiu que a voz a ressoar fosse daqueles que por muito tempo contaram uma história única, de um Brasil homogêneo.

Percebemos que no espaço escolar essa dificuldade com relação à pensar a identidade brasileira, somando-se à questionamentos sobre o contexto histórico e político que atua como pano de fundo para a presente discussão, existe de forma muito intensa. O que pode intervir diretamente na construção e valorização da diversidade que está presente em todos os espaços. Sendo assim, torna-se urgente pensar caminhos para

⁷ Para maiores leitura sobre as discussões propostas pelos autores citados ler: RODRIGUES, Taynnã Valentim. No Tracejado do Embranquecer: a educação a serviço do branqueamento cultural na Paraíba (1930-1940). 2017. **Monografia**. (Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira – PB.



promover a educação para a diversidade, com princípios democráticos, protagonista, antirracista, e com base na inclusão.

Acreditamos que o espaço escolar, por ser um espaço cidadã e de esfera pública, o que torna ainda mais urgente a ação aqui apresentada, deve estar em diálogo constante com as problemáticas sociais presentes no cotidiano de nossos jovens estudantes.

3. METODOLOGIA

O aporte teórico e metodológico do projeto apresentado neste artigo dialogou com documentos que regem a educação formal em nosso país no tocante ao campo de educação para a diversidade. Sabemos que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.52), “Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais”.

Eliane Cavalleiro (2012) em sua obra “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”, título que inclusive é referenciado no Projeto de Intervenção Pedagógica da escola na qual o projeto foi desenvolvido, a autora evidencia como o “silêncio” foi muitas vezes utilizado como estratégia para evitar conflito étnico e neutralizar a existência da desigualdade. Cavalleiro afirma que esse silêncio não pode ocupar os espaços da escola, uma reflexão também presente nos PCN’s sob o Eixo *Pluralidade Cultural*:

Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas das relações sociais, e como elas têm história e permanência. O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se criticamente e responsabilmente perante elas (PCN, 1997, p. 52).

Fica claro na citação acima a responsabilidade da escola em promover a educação para a diversidade, o que tornou este projeto uma iniciativa de grande importância para a comunidade escolar como um todo.



Na discussão historiográfica, a reflexão realizada ficou a cargo de José Carlos Reis (2007, p.18) ao afirmar que:

A identidade nacional brasileira é “histórica”, isto é, (re)construída em cada presente, em uma relação de recepção e recusa de passados e de abertura e fechamento aos futuros. E cada brasileiro continua a “reconhecer” em sua diferença a identidade histórica brasileira, apesar de reconstruída, heterogênea, contraditória, plural e múltipla.

É possível entender, a partir da fala de Reis, que existe uma relação política e social no processo de construção *identitária* do Brasil. De acordo com o autor só é possível entender este processo admitindo a existência de uma concepção plural. Provavelmente, a dificuldade em pensar a formação da identidade brasileira está associada a negativa dessa pluralidade, e nesse ponto foi encontrado o tema central de discussão com os estudantes durante o desenvolvimento do projeto.

Realizando um passeio pela história do Brasil, conhecemos algumas identidades que fazem parte da cena brasileira, os chamados “*Brasis*” de Darcy Ribeiro (2006). No decorrer deste passeio foram feitas paradas para experimentar alguns docinhos bem açucarados, que nos ajudaram a contar essa história.

Após a discussão teórica, foi proposto aos estudantes ações de intervenção na qual os mesmos estariam aprendendo de forma significativa sobre o tema proposto.

Partindo do Pilar da Educação “aprender a fazer”, durante atividades práticas do projeto, os estudantes foram incentivados a aprender fazendo, construindo para a culminância um plano estratégico e empreendedor para divulgar os resultados do que foi estudado em sala de aula com relação a identidade brasileira. A ideia era que nesse momento fosse trabalhado as habilidades relacionadas à atuação social, política, artística ou cultural.

Para a culminância, os participantes do projeto deveriam aplicar o plano estratégico e empreendedor para falar sobre o processo de formação da identidade brasileira, utilizando os doces, apresentados durante a execução do projeto. A ideia foi pensar uma proposta que pudesse chamar a atenção do público para a história que discute sobre a construção do Brasil, além de também, oferecer a degustação dos docinhos de identidade.



O objetivo, nesse momento final do projeto, foi despertar o empreendedorismo, tendo em vista que, a escola campo agrupa os cursos técnicos de Vendas e Marketing.

Ainda com relação aos caminhos metodológicos, foram utilizadas metodologias ativas com destaque para a Gamificação, Tempestade de Ideias e a Sala de Aula Invertida. O aporte metodológico partiu de discussões feitas por Bergmann e Sams (2016), Lilian Bacich e José Moran (2018).

A metodologia aplicada sinaliza as reflexões realizadas mediante à habilidade de Ciências Humanas que objetiva a utilização de diferentes linguagens de forma crítica e reflexiva no tocante à recomposição das aprendizagem de maneira significativa.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Sabemos que o Brasil é fruto de uma ação de miscigenação que ocorreu ao longo do processo de colonização, e seguiu durante todo o período do Império. Nessa perspectiva, falar sobre identidade exige conhecimento no que concerne ao contexto histórico, social e político no qual o Brasil foi gestado. A nossa identidade como brasileiros que somos, transita pelo o universo da *brasilidade*⁸ e consiste em múltiplas faces como discute Darcy Ribeiro (2006).

Pensar a identidade brasileira é discutir sobre *Pluralidade Cultural*, pois, ser brasileiros, é conceber-se como fruto da diversidade. Mas será que essa diversidade é compreendida como deveria ser? Ou até mesmo, será que essa diversidade é valorizada?

Partindo das questões mencionadas no parágrafo anterior foi dado início à uma série de discussões e ações planejadas pela professora Taynnã, que no decorrer do seu desenvolvimento, deu origem ao Projeto “Doces de Identidade”.

4.1 - O QUE É CARA E O QUE É CRACHÁ

⁸ *Brasilidade* é um conceito impresso por artistas e escritores brasileiros pertencentes ao Movimento Modernista, do início do século XX. Entretanto, existem relatos de que o referido conceito teria a sua origem no século XVIII, se popularizando durante os séculos XIX e XX. *Brasilidade* seria um termo utilizado com o sentido de despertar sentimento de pertencimento à pátria brasileira, e assim, promover a construção de uma identidade nacional.



Na primeira semana de atividades, os estudantes foram recebidos com uma mensagem de boas-vindas e convite para compartilhar conhecimentos de forma produtiva. Fazendo alusão ao nome do componente curricular eletivo ministrado, Cara Crachá, partimos da pergunta “O que é Cara e o que é Crachá?”. A intenção era provocar os estudantes a pensarem sobre sua identidade, no sentido de: o que ser ver, o que se diz, e o que é dito sobre.

Nessa aula realizamos uma atividade na qual cada aluno deveria escrever suas características num crachá, sem colocar o nome, para que os demais pudessem identificar de quem era cada crachá feito.

Imagem 01 – Atividade realizada



Fonte: acervo da autora, 2024.

A execução da atividade proposta consistiu num momento de interação e socialização entre os estudantes.

4.2 - SER BRASILEIRO NA TERRA DO DOCE BRIGADEIRO

Nesta aula foi apresentado um dos docinhos de identidade que estaríamos trabalhando, o brigadeiro. Entre um docinho e outro, discutimos sobre questões relacionadas à história do brigadeiro, entre os quais: os impactos econômicos causados pela Segunda Guerra Mundial, a liderança feminina de Bertha Lutz, e o contexto político da década de 1940 no Brasil.

De acordo com as informações discutidas durante a aula, o brigadeiro teria sido um docinho genuinamente brasileiro, se popularizando ao longo do tempo. A discussão realizada, ainda nos permitiu, tendo em vista que estávamos naquele momento vivenciando o período da quaresma, pensar sobre religiosidade no Brasil, e tomar conhecimento de santos da doutrina cristã católica que, assim como o brigadeiro, nasceram no Brasil.

Como atividade da aula, os estudantes construíram o painel “*Da fé ao doce tudo é Brasil*”, no qual deveriam expor opiniões sobre o que é ser brasileiro na terra do doce brigadeiro.

Imagem 02 – Atividade realizada



Fonte: acervo da autora, 2024.

4.3 - VOCÊ SABE QUEM É O ZÉ CARIOCA?

As aulas na qual apresentamos o personagem Zé Carioca⁹ foi bastante relevante, uma vez que possibilitou movimentar três habilidades da BNCC relacionadas à análise de discurso e visões de mundo.

⁹ Personagem fictício criado no começo da década de 1940 pelos estúdios Walt Disney.

Iniciamos pensando sobre o contexto histórico no qual o personagem, criado para representar o Brasil, foi gerado. Em seguida discutimos os estereótipos construídos sobre o brasileiro, que estão presentes no jeito de ser do Zé Carioca, um jeito malandro e que está expresso na frase “*jeitinho brasileiro*”.

Roberto DaMatta (1986, p. 22) diz que “Não é à toa que o nosso panteão de heróis oscila entre uma imagem deificada do malandro (aquele que vive na rua sem trabalhar e ganha o máximo com o mínimo de esforço)”. Essa foi a identidade pensada para ser expressa por meio das graças feitas pelo Zé Carioca, o que contribuiu na construção de uma imagem caricata do brasileiro.

Nas aulas que partiram dessa discussão realizamos rodas de debate sobre o tema proposto, analisando de forma crítica os discursos, interpretações e significados presentes, não só na figura do Zé Carioca, mas também com relações às situações cotidianas e frases que remetem à ideia do que é ser brasileiro.

Logicamente, não poderia faltar um docinho para adoçar os nossos encontros.

Imagem 03 – Atividade realizada



Fonte: acervo da autora, 2024.



Como atividade foi solicitado que os estudantes aplicassem questionários com professores e alunos, sobre o tema miscigenação racial e identidade brasileira. O resultado obtido, após analisados e discutidos durante as aulas, foram transformado em gráficos, utilizando as habilidades de Matemática.

Imagem 04 – Professora Taynnã com estudantes participante do projeto



Fonte: acervo da autora, 2024.

4.4 - BRASIL, MEU BRASIL BRASILEIRO

Discorrer sobre os símbolos nacionais foi o ponto inicial da presente aula, refletindo sobre o contexto político brasileiro da década de 1930. Foi durante a ascensão do governo Vargas que a preocupação com a formação da identidade nacional passou a ser vista de maneira mais enfática. É possível perceber expressivamente as ferramentas para construção da identidade brasileira, a *brasilidade*, adentrar os espaços da educação, comunicação, e até a esfera privada.

O Mito da Democracia Racial também ocupou espaço de discussão nesse momento, como ponto central para compreender aspectos sociais e políticos do nosso país. Entre os símbolos nacionais apresentados, foi possível salientar o Hino de Proclamação da República, que num de seus versos afirma indiretamente a negativa da memória de existência da escravidão no país no passado, como um caminho para silenciar as desigualdades raciais existentes no início do século XX, momento no qual

emergia uma projeto de República excludente.

A discussão desta aula apresentou conexão com a habilidade de Ciências Humanas, e ainda o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável - ODS nº 18, que afirma a defesa da igualdade étnico-racial.

Como atividade foi solicitado que os estudantes aplicassem novamente questionários com professores e alunos, só que dessa vez o tema foi sobre discriminação racial.

Imagem 05 – Cálculos realizados para a elaboração dos gráficos com base no questionário aplicado



Fonte: acervo da autora, 2024.

4.5 - DEUS É BRASILEIRO?

A discussão proposta no presente tópico buscou refletir sobre a diversidade religiosa que habita o nosso país. Objetivamos enfatizar a importância do respeito e valorização de todas as formas de expressões religiosas existentes, concluindo a nossa reflexão com a pergunta: “Se o Brasil é o país da diversidade, será que Deus é brasileiro?”

Após assistir ao filme “*Deus é Brasileiro*”, realizamos uma atividade prática a partir da metodologia de gamificação, na qual os estudantes deveriam responder perguntas a partir do filme e o conteúdo abordado na discussão sobre diversidade religiosa.

O respaldo legal para a discussão foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Lei Nº 9.451/2019 que institui o Estatuto da Igualdade Racial e do Combate à

Intolerância Religios.

4.5 - DIVERSIDADE EM TODAS AS CORES

Para falar sobre diversidade das cores, foi realizada a leitura do texto “Bom Dia Todas As Cores” da autoria de Ruth Rocha (2018). Nesse momento trabalhamos habilidades de leitura e interpretação textual, e ainda foi possível testar as habilidades de concentração, pois como atividade foi proposto que os estudantes organizassem no quadro a ordem correta na qual as cores apareciam na leitura do texto.

Imagem 06 – Atividade realizada



Fonte: acervo da autora, 2024.

A proposta de atividade consistiu em mais uma ação de gamificação, com direito, inclusive a premiação.

4.7 - DOCE COMO PAÇOCA

O docinho de identidade apresentado neste momento não foi nenhuma surpresa para a turma. A paçoca já é um doce conhecido popularmente que tem sua origem nas raízes indígenas, passando por adaptações durante o Brasil Colonial, com adição do açúcar.

A Paçoca que significa em tupi-guarani “esmagar com as mãos”, revela a tradição culinária indígena, e ganhou espaço entre os doces consumidos pelo brasileiro. Ao falar sobre a paçoca, foi possível conectar com a habilidade de Ciências Humanas referente ao protagonismo dos povos indígenas no tocante a construção da história do Brasil, a partir das suas contribuições.

Imagem 07 – Aula sobre a origem da Paçoca



Fonte: acervo da autora, 2024.

4.8 - VOCÊ SABE O QUE É UM QUMBE?

Nessa aula partimos da mesma habilidade de Ciências Humanas utilizada na discussão sobre a paçoca, só que desta vez o diálogo se deu em torno das contribuições dos povos africano na formação do Brasil, apresentando o *Qumbe*, um doce de coco africano oferecido ao orixá Oxum.

A discussão proposta se deu a partir de Darcy Ribeiro (2006) sobre a história e formação étnica-racial e cultural do brasileiro, na qual o mesmo afirma a existência de cinco *Brasis* com povos diferentes, processo que o autor chama de *Gestação Étnica*. De acordo com Ribeiro existe o Brasil Criolo, Caboclo, Sertanejo, Caipira e Sulista. Durante a aula foi apresentado cada um desses *Brasis*.

Num segundo momento abordamos os povos africanos como parte desse intenso processo de miscigenação, colocando em evidência pontos como: identidade, diversidade, sincretismo e religiosidade, trazendo para a pauta de discussão as religiões de matriz africana.

Sabemos que, infelizmente, ainda existem barreiras a serem vencidas ao falar sobre diversidade religiosa. A falta de conhecimento alinhado ao preconceito consiste na maior causa de intolerância religiosa que ocorre em nosso país, sendo necessário fomentar ações que possam atuar na presente problemática.

Na aula foi apresentado o doce de coco de origem africana.

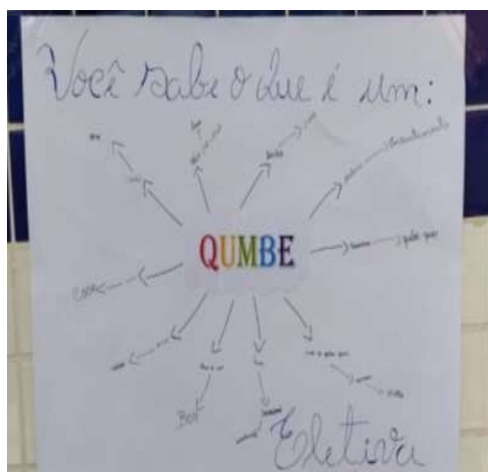
Imagem 08 – Qumbe



Fonte: acervo da autora, 2024.

Após apresentar a história do Qumbe e degustar o docinho, foi proposto aos estudantes que elaborassem um painel no formato de mapa mental partindo da pergunta: *Você sabe o que é um Qumbe?*

Imagem 09 – Qumbe



Fonte: acervo da autora, 2024.



A ideia era provocar a curiosidade de quem fosse observar o painel, tendo em vista que, o Qumbe não é um doce tão popular ou conhecido, como a paçoca. Objetivamos despertar nas pessoas o desejo de conhecer um pouco mais sobre a cultura africana por meio da culinária.

4.9 - TRABALHO COLABORATIVO

Neste ponto gostaríamos de evidenciar as parcerias que foram firmadas ao longo do projeto para sua realização e conclusão. Tendo em vista que, o trabalho colaborativo e interdisciplinar faz parte do caminho para alcançar perspectivas de uma educação de excelência.

A princípio destaco a colaboração do professor de matemática Eraldo Gomes, que gentilmente aceitou o convite para participar do projeto, contribuindo com aulas para recomposição das aprendizagens matemáticas a partir das habilidades necessárias para a construção de gráficos no formato pizza e em barra.

Imagem 10 – Professor Eraldo durante a aula de matemática, e a professora Taynnã durante a aula para construção dos gráficos demonstrativos do projeto.



Fonte: acervo da autora, 2024.

Durante a execução do projeto, em seu momento final, foi realizado a parceria com a professora Ciliane Trigueiro, a mesma estava desenvolvendo o projeto intitulado “Narrativas da Felicidade: contornando sentimentos e adoçando a vida”, como fruto do Componente Curricular Eletivo “A terapia das cores: pintando sentimentos”.

O projeto da professora Ciliane dialogava sobre a importância da saúde emocional, e apresentava como um de seus pontos de discussão o consumo do açúcar como despertador de hormônios da felicidade.

Tendo em vista que, em nossa proposta foram trabalhados doces relacionados à identidade étnica, foi lançada a proposta de parceria na qual nossos doces de identidade pudessem fazer parte das narrativas da felicidade apresentadas pelo projeto da professora Ciliane.

Firmada a parceria, apresentamos aos estudantes as orientações de elaboração de um plano estratégico e empreendedor para apresentar os docinhos de identidade e proporcionar, assim, narrativas de felicidade àqueles que se dispusessem conhecer e apreciar as belezas da diversidade étnica que habitam o nosso Brasil.

O plano elaborado pelos participante do projeto foi, aproveitando o ensejo do período de São João no qual estávamos, a criação de uma Barraca Junina na qual seria vendido os docinhos de identidade, e quem os comprasse poderia escrever uma narrativa de felicidade direcionada à alguém especial, para ser lida no microfone durante a festa junina da escola. Dessa forma, nasceu a Barraca Junina “*Narrativas da Felicidade e Doces de Identidade*”.

Imagem 11 – Registro da barraca junina “Narrativas da Felicidade e Doces de Identidade”



Fonte: acervo da autora, 2024.

Imagem 12 – Doces vendidos na barraca junina (Qumbe, paçoca e brigadeiro).



Fonte: acervo da autora, 2024.

Com o dinheiro obtido como lucro da barraca junina, após pagarmos os custos com o material para fazer os doces, realizamos um passeio com os estudantes participantes do projeto.

Imagem 13 – Passeio para a Fazenda Santana em Galante - PB



Fonte: acervo da autora, 2024.

O passeio realizado foi fruto do empenho, trabalho coletivo e atitude empreendedora demonstrada pelos estudantes ao elaborar e executar o plano estratégico criado como resultado do projeto desenvolvido. O passeio consistiu num momento de socialização, assim como também reflexo da gratidão das professoras, Taynnã e Ciliane, pela participação ativa de cada estudante no desenvolvimento da proposta pedagógica desenvolvida.

4.10 - PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

No dia 25 de Julho a ECIT. Francisco Ernesto do Rêgo foi convidada a participar

do evento “*Julho das Pretas*” em alusão ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e o Dia Nacional de Tereza de Benguela.

O evento ocorreu no Cine São José em Campina Grande- PB, e contou com a presença dos estudantes participantes do projeto.

Imagem 14 – Professora Taynnã e estudantes vinculados ao projeto participando do evento Julho das Pretas



Fonte: acervo da autora, 2024.

O projeto “Doces de Identidade” também participou do desfile cívico da escola no dia 07 de setembro, levando para as ruas de Queimadas- PB a temática sobre o doce africano, Qumbe.

Imagem 15 – Faixa de abertura do nosso pelotão no desfile cívico da escola



Fonte: acervo da autora, 2024.

O Qumbe foi um dos doce de identidade que abordamos durante o projeto, também foi vendido na barraca junina, e no dia 07 de setembro voltou novamente a cena de discussão, ressaltando a importância de conhecer e valorizar as raízes africanas que fazem parte da nossa identidade como brasileiros e brasileiras.

A última participação do projeto se deu, novamente em parceria com a professora Ciliane, durante a AFROTEC, evento pedagógico planejado como ação de culminância do Projeto de Intervenção Pedagógica executado durante o ano de 2024 na escola.

Na ocasião as professora Taynnã e Ciliane organizaram uma sala temática junto com os estudantes, para apresentar à comunidade um dos docinhos trabalhados no projeto “*Doces de Identidade*”, e oferecer a degustação do mesmo como um doce caminho para despertar os hormônios da felicidade, discussão promovida pela professora Ciliane em seu projeto.



Imagem 16 – Professoras Ciliane e Taynnã na sala temática organizada na AFROTEC.



Fonte: acervo da autora, 2024.

Imagem 17 – Sala temática de apresentação dos projetos “Doces de Identidade”, de autoria da professora Taynnã, e “Narrativas da Felicidade”, de autoria da professora Ciliane.



A AFROTEC ocorreu no início do mês de novembro e foi pensado para ser um momento aberto à comunidade escolar, no qual estaria sendo trabalhado a temática Equidade e Antirracismo. Nesta perspectiva o projeto “*Doces de Identidade*” não

poderia deixar de dar a sua contribuição no tocante à discussão sobre valorização e respeito para com a diversidade cultural.

O doce do orixá Oxum, “*Qumbe*”, se apresentou em nossa mesa com a proposta de mostrar os encantos de Oxum e combater o racismo religioso.

Imagem 18 – Registro da sala temática apresentada durante a AFROTEC.



Fonte: acervo da autora, 2024.

Durante o evento nossa sala temática recebeu a visita de estudantes, professores, pais e demais pessoas pertencentes à comunidade escolar.

Imagem 19 – Estudantes da escolar degustando o Qumbe



Fonte: acervo da autora, 2024.

Com a apresentação da sala temática durante a AFROTEC encerramos as nossas atividades referentes ao desenvolvimento do projeto. Esperando ter contemplado os objetivos propostos, e mais do que isto, acreditando ter plantando no coração de cada um, que participou de forma direta e indireta deste projeto, a semente do antirracismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste espaço de considerações gostaríamos de destacar que durante o desenvolvimento das ações planejadas para a execução do projeto apresentado, foi possível perceber as dificuldades e desafios que ainda precisamos romper. Existe um passado escravocrata que ao longo da história agiu silenciando e marginalizado as chamadas minorias. As raízes de nossa história trazem sabores amargos, que comprovam a importância da iniciativa do presente projeto.

Esperamos ter alcançado as expectativas expressas na proposta apresentada, como também, ter contribuído na construção de um sociedade justa e democrática.

Por fim, gostaria agradecer ao professor Eraldo Gomes pela sua disponibilidade em contribuir com as habilidades matemáticas para realização de atividades presente na proposta pedagógica elaborada para o projeto apresetado.



Agradecimentos à professora Ciliane Trigueiro pela parceria firmada, e o acolhimento presente em sua amizade.

Agradecer também à gestão e coordenação da escola Francisco Ernesto do Rêgo pela apoio pedagógico prestado durante a execução do projeto.

E por último, gostaria de deixar registrado os nossos agradecimentos aos estudantes da ECIT. Francisco Ernesto do Rêgo que participaram da proposta “Doce de Identidade: reflexões sobre a construção da identidade brasileira”. Dizer que sem vocês, estudantes, este projeto não teria acontecido. Espero ter contribuído não só na perspectiva pedagógica, mas que as discussões apresentadas tenham, de alguma forma, despertado a semente da inquietude, posto que é essa semente que promove as mudanças tão necessária para esta sociedade que ainda caminha a passos preocupantes.

REFERÊNCIAS

AGENDA 2030. (2015). **ODS** – Objetivos de desenvolvimento sustentável.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288**. 20 de julho de 2010.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa. Lei nº 9.451/2019**. Salvador- BA.



_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394.** 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Lei nº 10.639.** 09 de janeiro de 2003.

_____. **Parâmetro Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2012.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. ROCHA, Ruth. **Bom dia todas as cores!** São Paulo: Salamandra, 2018.

RODRIGUES, Taynnã Valentim. No Tracejado do Embranquecer: a educação a serviço do branqueamento cultural na Paraíba (1930-1940). 2027. **Monografia.** (Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira – PB.